

## MEMÓRIA E ATUALIDADE: O ACONTECIMENTO DO TERRA À VISTA EM MIM

*MEMORY AND ACTUALITY: THE EVENT OF TERRA À VISTA IN ME*

Águeda Aparecida da Cruz Borges<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto me abre espaço para registrar a importância do meu encontro com a obra Terra à Vista, a Análise de Discurso e a professora/autora. Aprendi que o espaço de enunciação é um espaço político de funcionamento e a posição em que enuncio é determinante na minha constituição subjetiva, assim, nesta escrita, a enunciação se constitui a partir do encontro anunciado que se transformou em afeto e em torno de um objetivo: homenagear a prof.<sup>a</sup> Eni Orlandi, no sentido de demarcar, o aniversário de 30 anos de publicação do seu livro “Terra à Vista - discurso do confronto: velho e novo mundo”. A leitura desse livro, além de provocar a minha mudança de olhar para os povos originários do Brasil serviu/serve de fundamentos para os estudos que venho desenvolvendo com povos indígenas de algumas etnias, em específico, os Xavante, com quem trabalhei na tese de doutorado. Este texto é atravessado pela memória discursiva e me interpela, pois o modo como esse acontecimento significa em mim se desdobra no movimento de formulações que o constituem.

**Palavras-chave:** Acontecimento; discurso; Terra à Vista; Eni Orlandi; homenagem.

**ABSTRACT:** This text opens space for me to register the importance of my encounter with the work Terra à Vista, with Discourse Analysis and with the teacher/author. I learned that the space of enunciation is a political space of functioning and that the position in which I enunciate is decisive in my subjective constitution, so, in this writing, the enunciation is constituted of the announced meeting that turned into affection and around an objective: to pay tribute to Professor Eni Orlandi, in order to mark the 30th anniversary of the publication of her book “Terra à Vista - discurso do confronto: velho e novo mundo”. Reading this book, in addition to provoking a change in my view of the original peoples of Brazil, served/serves as a foundation for the studies that I have been developing with indigenous peoples of some ethnicities, in particular, the Xavante, with whom I worked on my doctoral thesis. This text is crossed by discursive memory and challenges me, because the way this event means to me unfolds in the movement of formulations that constitute it.

**Keywords:** Event ; discourse ; Terra à Vista ; Eni Orlandi; tribute.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unemat/Cáceres-MT. Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Campus Universitário do Araguaia/CUA.

*É o acontecimento do objeto simbólico que nos afeta como sujeitos. Algo do mundo tem de ressoar no “teatro da consciência” do sujeito para que faça sentido. [...] Não se trata apenas de um jogo de significantes descarnados, embora a língua como sistema significante importe e muito. Para ressoar, é preciso a forma material, a língua-e-a-história... (ORLANDI, 2001, p.102).*

Presumo que a minha dedicação ao trabalho junto aos povos indígenas, fundamentada na Análise de Discurso de base materialista, se configura no motivo de eu ter recebido o Convite para participar do Evento: “30 Anos de Terra à Vista - Um percurso de Sentidos”, organizado pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas/Ufpel, em comemoração à referida obra de Eni Orlandi. O fato é que a participação no Evento e a escrita deste texto me abriram espaço para registrar a importância do meu encontro com a obra, a teoria e a autora.

Aprendi que o espaço de enunciação é um espaço político de funcionamento. A posição em que enuncio é determinante na minha constituição subjetiva/política e, nesta escrita, a enunciação se constitui a partir do encontro anunciado que se desdobrou em afeto e, agora, em torno de um objetivo: homenagear uma pesquisadora/escritora/amiga: a prof.<sup>a</sup> Eni Orlandi, no sentido de demarcar, o aniversário de 30 anos de publicação do seu livro “Terra à Vista - discurso do confronto: velho e novo mundo”. A leitura desse livro, além de provocar a minha mudança de olhar para os povos originários do Brasil serviu/serve de fundamentos para os estudos que venho desenvolvendo com povos indígenas de algumas etnias, em específico, os Xavante, com quem trabalhei na tese de doutorado<sup>2</sup>.

O projeto que desenvolvo atualmente converge para a compreensão de práticas de resistência de mulheres indígenas, levando em conta as especificidades étnicas, em que tive a oportunidade de organizar, em parceria com a Naine Terena, o Número 58 da Revista *Fragmentum*<sup>3</sup>: “Mulheres indígenas: entre o ontem e o hoje”, que será lançada brevemente. E, foi em Orlandi que busquei sustentação para escrever o texto de apresentação dessa Revista para, além de outros assuntos, fazer pensar que a relação da produção acadêmica se dá muito para dentro do próprio espaço, ou seja, o acesso se limita ao universo acadêmico. No caso da maioria dos textos, que recebi para compor o material, as mulheres são as próprias referências, eles contam histórias de vida, de fazeres, de saberes, de lutas, de políticas, de linguagens e, por que não, também de ciências? Contudo se deslocam das normas cientificamente estabelecidas. Mas, se me oriento na perspectiva discursiva, no modo como a concebo, com base em Orlandi (2011, p.12), como “uma práxis teórica não servil”, é possível desestabilizar a relação sobredeterminada pela academia que é uma forma de colonização e, então, institucionalizar saberes indígenas, de dentro. A autora escreve:

---

<sup>2</sup> Da aldeia para a cidade, processos de identificação/subjetivação de indígenas Xavante na cidade de Barra do Garças-MT- alteridade irreduzível?. Orientada pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Zoppi-Fontana, Unicamp/Iel, Campinas: SP, 2013.

<sup>3</sup> *Fragmentum*, Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, n. 58, p. 11-225, jun./dez. 2021, ISSN: 1519-9894 / e-ISSN: 2179-2194 [periodicos.ufsm.br/fragmentum](http://periodicos.ufsm.br/fragmentum) DOI: <https://doi.org/10.5902/2179219466875>

Descolonizar a vida intelectual não é a minha preocupação menor. Porque temos a colonização em nossa história, não é pequeno o risco, quando olho à minha volta, dos que estabelecem com o que vem de fora de uma relação de adulação intelectual e de submissão, próprias à ideologia do colonizador. (ORLANDI, 2011, p.13).

É sobre descolonizar que, de certo modo, eu venho aprendendo com a prof.<sup>a</sup> Eni, sempre que volto o olhar para os povos indígenas. O certo é que é do *status* do impossível materializar todos os aspectos que me aproximam dela e da sua obra, mas, dentre eles, o que sustenta e amplia o meu objetivo/desejo é a relação com os povos indígenas.

Por que um acontecimento em mim?

Esse começo de conversa me leva a uma memória a qual se assenta num lugar privilegiado da minha formação quando, nos idos de 1992, ao ingressar no projeto de Licenciaturas Plenas “Parceladas”, no curso de Letras, pensei em buscar, apenas, a formação em nível superior. No entanto, o envolvimento com o Curso e cada descoberta me impulsionaram a seguir. Ao apresentar os resultados da Monografia de final de Curso, eu já vislumbrava outras possibilidades, principalmente, provocadas pela Análise de Discurso e, particularmente, dada a leitura do “Terra à Vista”, para a relação conflituosa envolvendo indígenas e não indígenas que, sabemos, não é de hoje.

Recordo-me, como hoje, das primeiras páginas quando Orlandi (1990, p.13) escreve sobre o discurso entusiástico da “descoberta”, proferido por um integrante da expedição de Pedro Álvares Cabral, ao avistar as terras brasileiras, em 1500: Terra à vista! ‘Ver’, conforme nos diz Orlandi (1990, p.13), tem um sentido de apropriação, de posse, indica que a coisa vista ganha estatuto de existência. Assim, por ‘terra à vista’, entende-se: a terra é nossa porque a vimos primeiro.

Seguir os fundamentos de Orlandi (2008, p. 19) que, nesse livro, projetou “o caminho de desconstrução de um certo olhar que não nos dá outro direito senão o de termos particularidades, singularidades, peculiaridades culturais”, um olhar que nos reduz historicamente, enquanto brasileiros, ao exotismo e que, ao mesmo tempo, mantém silenciada a memória de nossa ancestralidade indígena como se o brasileiro fosse brasileiro, desde sempre, é compreender mais um modo de apagamento desses povos. A autora afirma que “o índio não entra nem como estrangeiro, nem sequer como antepassado” Orlandi (2008, p. 66), nessa “nossa” história escrita numa perspectiva europeia.

Construir esta narrativa não se dá sem a prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mónica Graciela Zoppi-Fontana<sup>4</sup>, afinal foi ela quem me apresentou as primeiras noções de Análise de Discurso, nas aulas do curso de Letras do, já citado, Projeto “Parceladas”. De lá pra cá, à medida que vou compreendendo os conceitos, encontro a possibilidade de preencher o meu desejo em trabalhar, na/pela linguagem com a diferença, a contradição, a ideologia, o sujeito, o espaço, o corpo..., ou seja, a minha relação com as questões de linguagem nunca mais foram as mesmas, daí que o acontecimento em mim, faz deste um texto sobre mim.

---

<sup>4</sup> A prof.<sup>a</sup> Mónica Zoppi-Fontana e a prof.<sup>a</sup> Eni Orlandi se entrecruzam e, em determinados momentos, se fundem na minha formação em Análise de Discurso e na mesma “rede de afetos”, tanto que este texto, também, se encontra com o que, recentemente, produzi para homenagear a prof.<sup>a</sup> Mónica e que está publicado In: Biziak, Jacob dos Santos; Pereira, Fernanda; Resende, Sheilla Maria (org.). **Rede de afetos em discurso: uma homenagem a Mónica Zoppi-Fontana**. 1. ed.- Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

No Mestrado<sup>5</sup> tive a oportunidade de estudar um pouco mais, concentrando a atenção para a Análise do Discurso e contando com o privilégio de ter a prof.<sup>a</sup> Eni como ministrante de duas disciplinas. O primeiro encontro foi emocionante, pois, no imaginário, essa proximidade era sem alcance e ali estávamos, inclusive, pousando para as fotos, materializando o acontecimento:

Foto 1- Estudantes do Minter com a prof.<sup>a</sup> Eni Orlandi.



Acervo pessoal: Pátio da Unemat/Cáceres-MT. Disciplina de Análise de Discurso. Acervo pessoal (1998).  
(Aproveito este espaço para lembrar, com saudades, as colegas Edna André e Edileuza - *In memoriam*).

Foto 2 - Tietando, após uma das aulas do Minter

---

<sup>5</sup> O Mestrado Interinstitucional em linguística (Minter/Unemat/Unicamp, 1998-2000) foi uma parceria que se desenvolveu, também, de uma ligação com o Projeto de Licenciaturas Plenas Parceladas, em que a Unemat se utilizou de uma estratégia de capacitação bastante produtiva na qual os seus professores graduados acompanhavam, como monitores, os professores doutores convidados de várias Universidades do país, dentre elas a Unicamp, para onde vários professores se deslocaram para se capacitarem em Mestrado e Doutorado.



Acervo pessoal: Luzia, Eni, Elizete, Águeda, Lucimar, Judite.

Para dar sequência à escrita e dizer dos efeitos do “Terra à Vista” em mim, mobilizo um pouco do que aprendi da teoria, tomando um capítulo da minha tese de doutorado intitulado: “Mudança que se faz na vida - movimento” onde eu conto que depois do encontro com a Análise de Discurso eu não parei mais, segui/sigo os passos dos professores, acompanhei/acompanho os Eventos: Seminários, Congressos e outros Encontros, o que vêm suprimindo a minha vontade de, cada vez mais, desvelar, inquietar as palavras, tornar ruidoso e audível o imenso silêncio, a imensa invisibilidade, violência, preconceito, discriminação, ignorância, ódio que o discurso sobre os povos indígenas arrasta consigo quando se enuncia.

**Foto 3-** Enelin na Univás, em Pouso Alegre - MG



Acervo pessoal - Mesa Redonda: Prof.<sup>a</sup> Eni Orlandi e José Simão. (2015).

**Foto 4-** Enelin na Univás, em Pouso Alegre - MG



Acervo pessoal – Elizete, Eni, Águeda. (Setembro/2015).

Assim, no projeto de doutorado, o propósito foi buscar conhecer o “outro”, o diferente, particularmente o povo da etnia Xavante que faz parte do meu espaço de vivência e, para tanto, me exigiu embrenhar pelo gesto de interpretação. Segundo Orlandi (2007, p. 9), “a noção de interpretação passa por ser transparente”, evidente, mas todo gesto de interpretação é caracterizado pela inscrição do sujeito (e de seu dizer) em uma posição ideológica, configurando uma região particular do interdiscurso, na memória do dizer. Por isso mesmo, embora eu escreva em primeira pessoa, ressoa do interdiscurso, uma diversidade de vozes que, desde os primeiros ensinamentos da prof.<sup>a</sup> Mônica Zoppi-Fontana, que trazem Eni Orlandi, Pêcheux e outros analistas de discurso que produzem os efeitos da teoria em mim e provocam a mudança na compreensão dos materiais, da sociedade, do mundo, me possibilitam produzir este texto, deste e não de outro modo.

É porque há o “outro” nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas se podem organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes. (Pêcheux, 1990, p.54).

Este texto é atravessado pela memória discursiva, aquilo que retorna pela formulação de um já-dito, e estruturado pelo esquecimento ideológico, da ordem do inconsciente, que me interpela e me afeta, pois o modo como o acontecimento significa vai se desdobrando no movimento de formulações que vou construindo para responder as perguntas que me faço e me colocam na pesquisa.

Os sentidos são determinados pela maneira como se dá a inscrição do sujeito na língua e na história, e como se dá o acontecimento na história do sujeito. O Real do Sentido. [...] é por essa inscrição na língua e na história que os sentidos se produzem na trajetória de pesquisa que se dá a construir. (DIAS, 2011, p.13).

Desse modo, envolvida pela teoria, sigo entre fazer um pouco de história que brota do

“Terra à Vista” percebendo seus efeitos no diálogo com outras leituras e me constituindo analista de discurso, por ser assim, reafirmo que este é um texto para dizer dos desdobramentos em encontros com muitos analistas de Discurso no/do Brasil e outros internacionais. Daí a importância de destacar aspectos, conceitos que desestabilizaram o meu modo de compreensão da linguagem.

Foto 5 - ALED-Buenos Aires/Argentina.



Acervo pessoal - Eni, Aline e Laise - amigas analistas de discurso (Novembro/2015).

A Análise de Discurso que teve inauguração na França, com Michel Pêcheux (déc. 60) difundida e renovada no Brasil, a partir da obra de Eni Orlandi, não é uma metodologia, é uma disciplina de interpretação que se dá na/pela intersecção de epistemologias distintas: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. É Orlandi (1996) quem credita à teoria a condição de *disciplina de entremeio*, já que sua constituição se dá às margens das chamadas ciências humanas, entre as quais ela produz um deslocamento significativo.

Pêcheux (1997) aponta a abertura de uma fissura teórica e científica na área das Ciências Sociais e, assim, proporciona com a Análise Automática do Discurso um instrumento científico para as Ciências Sociais. O que seria para Pêcheux um instrumento? A resposta a tal questionamento passa pela compreensão de que toda ciência é vista/produzida por uma mutação, o que lhe é peculiar na construção do conhecimento.

Para Pêcheux (1997, p. 17), a ciência em si é uma ciência da ideologia, com a qual se rompe. Nessa medida, a reinvenção dos instrumentos, das práticas técnicas, das práticas científicas é significativa. O autor diz que as ciências no jogo constitutivo de se projetarem criam seu próprio *spielraum*, se ajustando a novos espaços em prol de sua consistência. Espaços em que a ciência coloca questões através da interpretação de instrumentos pela teoria. Em outras palavras, é esse movimento da atividade científica que a faz uma prática.

É possível observar que as Ciências Sociais têm um sentido técnico, mas significativo com a prática política e com a ideologia no discurso. Assim, se é no/pelo discurso que se liga a humanidade, já que não há uma relação direta entre o sujeito e o mundo, nada mais significativo do que compreendê-lo, enquanto funcionamento, numa injunção a interpretação (cf. ORLANDI, 1996). Nessa dinâmica o sujeito é fígado na opacidade da linguagem. Pêcheux

(1997, p.24) diz que “o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”.

É nesse ponto das amarras da diferença, configuradas no discurso, que Pêcheux constitui a ruptura, o dispositivo teórico. Por isso mesmo é sempre relevante enfatizar o caráter revolucionário atribuído pela Análise de Discurso aos estudos da linguagem, afastando-se do aspecto formal e categorizador conferido pelo estruturalismo e eu custei a chegar nessa compreensão.

Não é minha pretensão recompor toda a história da Análise de Discurso, no entanto, é importante dizer que a Análise de Discurso se constituiu, em determinadas condições de produção, como um acontecimento nas práticas linguísticas que contrariavam as ideias dominantes do estruturalismo. Ela nasceu no interstício das contradições existentes entre as disciplinas da Linguística Imanente e as Ciências Sociais e se formou no lugar em que a linguagem precisa ser referida a sua exterioridade para que se apreenda o seu funcionamento, enquanto processo significativo. Arranca a linguagem da transparência ao expor o sujeito ao equívoco, à ideologia, na sua relação com o simbólico, nos leva a compreender que a história, discursivamente, não se define pela cronologia, nem por seus acidentes, nem é tampouco evolução, mas produção de sentidos.

Ao se fazer no entremeio entre Linguística e Ciências Sociais, não se especifica claramente um lugar no/de reconhecimento das disciplinas. O que lhe importa é, sobretudo, colocar questões para a Linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem, a do sujeito e a do sentido, transparência sobre a qual essas ciências se assentam.

No mesmo movimento em que a Análise de Discurso exerce sua prática crítica, ela mostra que o recorte de constituição dessas disciplinas que levam a essa separação necessária – entre linguagem e exterioridade - e se constituem nela, é o recorte que nega a existência desse outro objeto, o *discurso*, que coloca como base a noção de materialidade, seja linguística, seja histórica, ligando de modo particular linguagem e exterioridade. Esse objeto, o discurso, trabalhando esse espaço disciplinar, faz aparecer uma outra noção de ideologia, passível de explicitação a partir da noção mesma de discurso e que não separa linguagem e sociedade na história. É no discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora, pois não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. O efeito ideológico elementar é o que institui o sujeito (sempre já-lá). (ORLANDI, 1994, p. 55).

Sigo refletindo que a partir dessas questões, a Análise de Discurso nos possibilita interpretar as práticas discursivas e a ilusão de verdade. Vale ressaltar que essa ilusão deve-se a esquecimentos necessários, oriundos da relação entre Formação Discursiva e Formação Ideológica, podendo se dar de duas formas no discurso:

O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer podia ser outro [...] esse esquecimento produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. Ela estabelece uma relação “natural” entre



palavra e coisa [...]. É o chamado esquecimento enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos.

O outro esquecimento é o número um, também chamado de esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos existentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem (PÊCHEUX, 1975, *apud* ORLANDI, 1999, p. 35).

A Análise de Discurso visa atingir o espaço específico da língua correspondente à construção do efeito-sujeito, que é ideológico. E é por isso que o sujeito tem a impressão de ser a fonte do sentido e de que as coisas só podem ser ditas da maneira como ele diz, eu fui me descobrindo à medida do entendimento da teoria e, se antes dela, eu me afirmava numa identidade, agora posso dizer do movimento que se dá no processo de identificação.

Vejamos, o sujeito não tem sua identidade dada a *priori*, como uma substância fixa, mas essa vai se constituindo nas relações históricas, sociais, políticas. Não há identidades fixas e categóricas. Esta é uma ilusão - a da identidade imóvel - que, se de um lado, é parte do imaginário que nos garante uma unidade necessária nos processos identitários, por outro lado, é ponto de ancoragem de preconceitos e de processos de exclusão. (ORLANDI, 1998, p. 204).

Orlandi (2002, p. 20) diz que “a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos/outros lugares, outras posições.” Nessa orientação, os sujeitos e sentidos significam pela determinação histórica; eles não são fixados *ad eternum*, mas nem soltos como se pudessem ser quaisquer uns, quer dizer que, é preciso levar em conta a interpelação ideológica, já que os processos históricos não são explícitos, transparentes “visíveis na língua”. A autora afirma que:

Por produzir efeitos de evidência, a ideologia dissimula sua existência no interior de seu próprio funcionamento. Desse modo se produz um tecido de evidências “subjetivas”: Entendendo “subjetivas” não como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”. (ORLANDI, 1999, p. 46).

Em outras palavras, a subjetividade não é um processo natural. É preciso atravessar o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Esse dispositivo vai assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, na falha e na materialidade. No trabalho da ideologia. (ORLANDI, 1999, p.61).

Estamos acostumados à concepção tradicional de identidade que sugere a ideia de unidade, estabilidade que, embora traga no termo português, vindo do latim, o *idem*, e nele o *idêntico*, se define, na perspectiva que adotamos, em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença.

O processo de identificação/subjetivação funciona como um jogo de permanência e mudança, de memória e esquecimento, de palavras silenciadas e entreditas, me vejo diante de uma construção conflituosa, cujos elementos e combinações constituem, esse rico campo de interpretação a ser explorado. Como pode ser visto não estou me referindo ao que muitos

autores já desenvolveram sobre construção social da identidade que se produzem um contexto marcado por relações de força, como, por exemplo, Castells *apud* Orlandi (2011, p. 08), que distingue três formas de identidade segundo suas origens:

*A identidade legitimante* é introduzida pelas instituições dirigentes da sociedade afim de estender e racionalizar sua dominação sobre os atores sociais. Esta ideia está no centro da análise da autoridade e da dominação em Sennet, mas também em diversas teorias do nacionalismo;

*A identidade resistência* é produzida por atores que se encontram em posições ou condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica dominante: para resistir e sobreviver, eles fazem barricadas na base de princípios estranhos ou contrários aos que impregnam as instituições da sociedade. É assim que Calhoun explica a emergência da política identitária;

*A identidade projeto* aparece quando os atores sociais, na base do material cultural de que dispõem, qualquer que seja, constroem uma identidade nova que redefine suas posições na sociedade e, por aí mesmo, se propõem transformar o conjunto da estrutura social. É o que se passa, por exemplo, quando o feminismo sai de uma simples defesa da identidade e dos direitos da mulher para passar à ofensiva, colocar em causa o patriarcado, logo a família patriarcal, todas as estruturas de produção e reprodução da sexualidade e da personalidade, sobre as quais as sociedades se fundam historicamente.

Sem dúvida o que escreveu Castells e outros autores é fundamental, mas as definições e procedimentos, na perspectiva em que venho aprendendo, são diferentes, não são pragmáticas, mas ideológicas. Em *Análise de Discurso* fala-se de processos de identificação que constituem as identidades numa perspectiva materialista, não essencialista.

A identidade, pensada discursivamente, não é um fato da essência do indivíduo mas um fato da existência, da experiência, da práxis do sujeito individuado. Dois deslocamentos, pela perspectiva materialista, são necessários: o primeiro é o que se desloca a questão da identidade de um ponto de vista interiorizante para uma perspectiva *objetivante*, o da historicidade, o que faz movimentar a memória: a identidade resulta de um processo. No mesmo movimento, na outra vertente dessa afirmação, tira-se a identidade de uma visada individualista, pois ela resulta de um processo, enquanto fato de existência, implicando uma práxis do sujeito individuado na formação social. (ORLANDI, 2011, p. 11).

O sujeito no processo de identificação tem uma relação política com a sociedade, e sendo assim não há identificação por completo, pois os indivíduos estão sujeitos à historicidade, à falha, ao equívoco. Além disso, e sem a pretensão de dar conta de tudo o que acontece em mim teoricamente, considero fundamental retomar Pêcheux (1988) acerca da forma-sujeito do discurso, o autor diz que o sentido de uma palavra ou expressão não existe em si mesmo, pois toda Formação Discursiva dissimula dependência em relação ao todo complexo dominante. Assim, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo. O sujeito, quando produz um discurso, está se mostrando em termos de significação. Ao significar, ele se significa.

É no interdiscurso que reside a identidade presente, passada e futura dos enunciados. O autor apresenta ainda a importância do papel da memória no discurso. Pêcheux (1999) afirma que a memória tende a absorver o acontecimento que irrompe; para ele, não é possível dissociar acontecimento e sentido, já que a memória é a união de um acontecimento e um sentido a que ele se associa. Desse modo, a memória discursiva corresponde a processos de

enunciados que designam gestos de interpretação. Ele entende

A memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2007b, p.52).

Conforme os estudos de Orlandi (1996, p. 139), o interdiscurso é compreendido como “a memória do dizer, o saber discursivo, a filiação de sentidos”. Ou seja, o interdiscurso é equivalente à memória do dizer, à história que se inscreve no que já é dito, à revelia do sujeito. Por conseguinte, a relação com o interdiscurso é o que precisa ser compreendida, recorrendo à memória para poder interpretar o **acontecimento**.

As condições de produção são outro fator que constituem os discursos. Na relação de forças, Orlandi (1999, p.39) diz que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Portanto, os sentidos resultam de relações.

Pêcheux (1997, pp. 83-84) elabora um quadro representativo fundado na teoria materialista da discursividade que se constitui em outro caminho, cujo percurso permite compreender as condições (históricas) da produção e circulação de um discurso, pensando que é no momento em que a língua se oferece ao equívoco que os gestos ideológicos de produção de sentidos transbordam. Por esse quadro, o autor reconhece no discurso não a presença física de organismos humanos individuais, mas a representação deles em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Assim, condições de produção não é o contexto, nem contexto situacional da linguística. Não há uma origem para as condições de produção, elas fazem parte de um estado discursivo anterior – processos discursivos sedimentados.

Para mostrar esse quadro, o autor propõe um jogo de imagens que pode ser esquematizado da seguinte maneira: 1) a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A, com a pergunta “Quem sou eu para lhe falar assim?”; 2) a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A, com a pergunta “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”; 3) a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B, com a pergunta “Quem sou eu para que ele me fale assim?”; 4) a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B, com a pergunta “Quem é ele para que me fale assim?”; 5) o “ponto de vista” de A sobre R, com a pergunta “De que lhe falo assim?”; 6) o “ponto de vista” de B sobre R, com a pergunta “De que ele me fala assim?”. As relações desse complexo jogo de imagens não são previamente estabelecidas, mas, ao contrário, vão-se dando no decorrer do processo discursivo.

É preciso sempre redizer que a Análise de Discurso partiu do materialismo histórico. E foi desse lugar que teceu críticas às filosofias espontâneas da linguagem de caráter idealista. Esse fato não é perceptível para muitos estudiosos, mas o próprio Pêcheux reconheceu que não escapamos dos riscos de cair no idealismo naqueles pontos onde “pensamos” ser materialistas, mas é, na contradição, que podemos trabalhar o imaginário de que os sujeitos concretamente fazem sua história. Se não nos debruçamos sobre essa questão, nos impossibilitamos de entender e, assim, propor possíveis enfrentamentos ao desumanizante sistema capitalista.

Inclusive, considero importante repensar/ressaltar que a observação em termos de classes, por si só, não dá conta da organização da sociedade e de seus conflitos, com efeito, a

desarticulação das relações de produção e de reprodução gera desigualdades e novas formas de dominação que deslocam as linhas de clivagem, foi o que experimentei na pesquisa com os Xavante, pois pensar a organização social Xavante a partir do modelo de sociedade capitalista requer a consideração das diferenças, as questões que articulam os processos discursivos precisam operar para sociedades distintas.

É a Análise de Discurso que nos fornece ferramentas teóricas e metodológicas para desvelar esse real contraditório dos processos discursivos. Paradoxalmente, de acordo com Sobrinho (2009) isso tem escapado e não se percebe que compreender o discurso é desvelar as contradições sociais além do sociologizante; o questionamento, que assumo, é do autor:

Até que ponto se compreende de modo efetivo os processos discursivos? É preciso tocar de modo mais concreto na questão, desvelando os mecanismos ideológicos que atuam nos discursos oficiais ou do cotidiano. Muitos trabalhos ficam no fio do discurso, não mobilizam a história e as relações contraditórias da sociedade capitalista e não percebem essa relação dialética entre sujeitos e sociedade atravessada, constituída, movente e movida no discurso, por isso, ficam no nível fenomênico, gramaticalizando a Análise de Discurso. (2009, pp. 153-154).

Ao analista cabe mobilizar o interdiscurso, o caráter histórico do dizer e enxergar as divisões ideológicas presentes na nossa sociedade que repercutem no real, por exemplo, no caso pesquisado, pela resistência dos Xavante na/pela língua confirma-se a contradição, ou seja, mesmo sob a imposição de uma língua outra, eles falam a sua língua, mesmo adquirindo um conhecimento outro, se sustentam no conhecimento do seu povo. A posição construída pelo analista visa não refletir essa ilusão, mas trabalhá-la, considerando a alteridade e tornando visível o modo como a ideologia opera.

Retomo Pêcheux quando diz que há um batimento entre descrição e interpretação. Isso quer dizer que para compreender é preciso construir um dispositivo teórico e um dispositivo analítico de interpretação que faça relação com os sentidos (e com nós mesmos). Para expor nosso olhar à opacidade do texto. Para não ficarmos repetindo o que já está posto lá para que não fiquemos atados aos mesmos sentidos.

Posso dizer que a Análise de Discurso, assim como as teorias pós-estruturalistas que ‘buscam escapar de uma definição única’, é também uma ‘obra em andamento’, portanto, nunca se dará conta desse objeto instável e heterogêneo que é o discurso, mas sigo convicta de que, em minha subjetividade cindida, o descontínuo me acompanhará sempre que eu me inquietar frente a qualquer que seja a questão colocada na/pela linguagem.

Os princípios e os procedimentos da Análise do Discurso, postos em funcionamento, me afastaram do olhar capturado pelo efeito de evidência, que as aparências impõem, para compreender e afirmar que a relação de pertencimento decorre de uma ordem que é constitutivamente contraditória e que põe em confronto saberes de diversas naturezas e poderes jurídicos, políticos, religiosos, midiáticos que determinam os processos de identificação, os modos de subjetivação e as relações de sujeição que decorrem desses modos de produção.

Na ilusão de fechamento, espero ter cumprido o desejo de homenagear a Prof.<sup>a</sup> Eni Orlandi, ao mesmo tempo, em que sentindo os efeitos do “Terra à Vista” e os desdobramentos da sua leitura em mim, eu siga cumprindo a minha função social e científica junto aos povos originários, principalmente, diante do atual cenário que acirra desde o “Terra à vista” a

usurpação de seus territórios tradicionais e violação de seus direitos o que incide, historicamente, no uso de suas línguas ancestrais e práticas culturais milenares.

## Referências

- ALBUQUERQUE, J. G. Educação escolar indígena: do panóptico a um espaço possível de subjetivação na resistência. Tese de doutorado UNICAMP, sob a orientação de ZOPPI-FONTANA, M.G. em Campinas, SP, 2007.
- BIZIAK, J. dos S.; PEREIRA, F.; RESENDE, S. M. (orgs.). *Rede de afetos em discurso: uma homenagem a Mônica Zoppi-Fontana*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- BORGES, A. A. C. A constituição discursiva sobre o índio em Barra do Garças/MT: um paradoxo na praça. In: *Revista Panorâmica Multidisciplinar*, N° 6. EdUFMT, 2006.
- BORGES, A.A.C. Para uma história das ideias linguísticas - uma reflexão sobre a resistência do povo Xavante pela língua. In: *Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários* (2010: Maringá, PR) C718 Anais CELLI - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários [recurso eletrônico] UEM-PLE, 2010. Disponível em: < <http://www.ple.uem.br/> ISSN 2177-6350. Acesso em setembro de 2021.
- BORGES, Á. A. da C. Da aldeia para a cidade, processos de identificação/subjetivação de indígenas Xavante na cidade de Barra do Garças-MT- alteridade irreduzível?. Tese de doutorado, orientada pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Zoppi-Fontana, Unicamp/Iel, Campinas: SP, 2013.
- BORGES, Á. A. da C. *Da aldeia para a cidade: processos de identificação/subjetivação e resistência indígena*. Cuiabá: EdUFMT, 2018.
- DIAS, C. P. *O digital: cidade cultura e corpo - a velocidade do mundo*. Campinas, SP: Série Escritos, LABEURB/UNICAMP, 2011.
- GADET, F. & PÊCHEUX, M. *A Língua Inatingível*. Tradução: Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, Pontes, 2004.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso - (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- ORLANDI, E. P. A incompletude do sujeito. E quando o outro somos nós? In: LANE, Sílvia T. M. (apres.) *Sujeito e Texto*. S.P., Série Cadernos PVC - 31, Educ, 1988: 9-16.
- ORLANDI, E. P. *Terra à vista*. Discurso do confronto: velho e novo mundo. SP, Cortez & Ed. da Unicamp, 1990.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas. Ed. da Unicamp, 1992.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- ORLANDI, E. P. Exterioridade e Ideologia. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 30. pp. 27-33. Campinas: IEL/Unicamp, 1996.
- ORLANDI, E. P. Um Sentido Positivo para o Cidadão Brasileiro, In: *Sociedade e Linguagem*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

- ORLANDI, E. P. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, p. 2002.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: Formação e circulação dos sentidos*. 3ª ed. Campinas, Pontes, 2008.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2011.
- ORLANDI, E. P. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, E. P. (org.) *Discurso Fundador. A formação do país e a construção do país e a identidade nacional*. Campinas, Pontes, 1993.
- ORLANDI, E. P. (org.) *A Análise de Discursos e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil*. In: *Cadernos de estudos Linguísticos*, IEL, UNICAMP, SP. 2002.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.
- ORLANDI, E. P. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010b.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (org.) *Papel da memória*. Campinas, Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. *Por uma análise automática do discurso, uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de Leitura, da história no discurso*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1994.
- PÊCHEUX, M. *O discurso, estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1990.
- SOBRINHO, H. F. S. Os Andaimos Suspensos do Discurso nos Alicerces do real. In: [http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/sead3\\_simposios.html](http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/sead3_simposios.html). (2009) Acesso em dezembro de 2011.
- RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G.L.; CASTELLO BRANCO, L. K. A. (orgs.). *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas, Editora RG, 2011.
- ZOPPI-FONTANA, M. G. *Cidadãos Modernos, discurso e representação*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1997.
- ZOPPI-FONTANA, M. G. É o nome que faz fronteira. In: Indursky, F. (org) *Os Múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre, Coleção Ensaios do CPG-Letras/UFRGS, 1999.

